

A inculturação da liturgia: reflexões a partir da Exortação Apostólica Querida Amazônia

*The inculturation of liturgy:
Reflexions on Apostolic Exhortation Querida Amazonia*

*Luiz Fernando Ribeiro Santana
Sérgio Albuquerque Damião*

Resumo

O processo de encarnação da liturgia cristã na cultura dos povos da Amazônia é uma temática de grande relevância. Ela tem sido objeto de investigação da reflexão teológica e do magistério atual da Igreja. Uma das demonstrações mais cabais disso é a recente publicação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia. Um dos principais intentos desse documento papal é mostrar que a região amazônica – afetuosamente chamada de “querida” – é portadora de um rico potencial de beleza e mistério; ao mesmo tempo, ela tem sido dramaticamente ameaçada e desfrutada abusivamente. Papa Francisco privilegia quatro temas em sua abordagem. São temáticas diversas mas que trazem em comum um termo que as coloca sob a mesma égide: “sonho”. O nosso artigo se deterá em abordar alguns aspectos da quarta temática: “um sonho eclesial”. Nela, o nosso escopo será aquele de matizar a importância da inculturação da liturgia nas comunidades cristãs amazônicas. O sacramento da Eucaristia se apresenta como o principal modelo dessa importância. O fundamento de tudo, porém, se esconde em uma indagação: o que se pode entender por “sacramento” a nível cósmico e antropológico?

Palavras-chave: Igreja. Sacramento. Liturgia. Eucaristia. Inculturação.

Abstract

The process of incarnation of the christian liturgy in the culture of the peoples of the Amazon is a topic of great relevance. It has been the object of investigation of theological reflection and the current teaching of the Church. One of the most obvious demonstrations of this is the recent publication of the Post-Synodal Apostolic Exhortation *Querida Amazônia*. One of the main intentions of this papal document is to show that the Amazon region – affectionately called “dear” – has a rich potential for beauty and mystery; at the same time, it has been dramatically threatened and abused. Pope Francis privileges four themes in his approach. They are different themes but they have in common a term that puts them under the same umbrella: “dream”. Our article will focus on addressing some aspects of the fourth theme: “An ecclesial dream”. In it, our scope will be to highlight the importance of the inculturation of the liturgy in the amazonian christian communities. The sacrament of the Eucharist is presented as the main model of this importance. The basis of everything, however, is hidden in a question: what can be understood by “sacrament” at the cosmic and anthropological level?

Keywords: Church. Sacrament. Liturgy. Eucharist. Inculturation.

Introdução

O Papa Francisco, em 15 de outubro de 2017, fez o anúncio da Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos que aconteceria em outubro de 2019. Ela se proporia em refletir sobre o tema amazônico – “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Segundo o Papa, a proposta do Sínodo deveria ser planejada em vista da evangelização do Povo de Deus e, ao mesmo tempo, contar com a colaboração maciça do Povo de Deus que vive na região amazônica: moradores das comunidades rurais, dos centros urbanos, da população que vive nas margens de rios, dos migrantes e refugiados e, em particular, dos povos indígenas.

A Amazônia é uma região que conta com uma riquíssima biodiversidade. É ainda um imenso território multiétnico, multicultural e multirreligioso. Ela carrega em si uma quantidade imensa de recursos humanos e naturais, um potencial de vida que escorre em suas veias e que deseja ser preservado, partilhado e comunicado à humanidade. Sabidamente, a Amazônia, há décadas, vem sendo depredada de

forma selvagem e irresponsável por várias frentes explorativas, cujo foco de interesse é, sobretudo, o de uma economia egoísta e consumista.

Em sua carta encíclica *Laudato Si'*, o Papa conclama a todos os povos a despertar na consciência do cuidado com a “casa comum”, o nosso planeta. Nossa “casa comum” não cessa de clamar pelo mal que lhe estamos provocando ao saqueá-la de forma violenta e extremamente abusiva, como se fôssemos seus proprietários e dominadores.¹ São declarações do pontífice que se aplicam perfeitamente àquilo que tem sofrido visceralmente a Amazônia e, com ela, todo o planeta.

Seguindo os passos fixados pela *Laudato Si'*, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia não recua nas proposições feitas naquela Carta Encíclica, particularmente no que concerne à defesa do meio ambiente e do combate às injustiças sociais. Para isto, a nossa Exortação Apostólica enfatiza a importância da inculturação da mensagem evangélica na riqueza das culturas nativas da Amazônia. Nessa linha, o documento sublinha o papel fundamental da liturgia no que diz respeito à construção de uma Igreja capaz de assumir, de maneira criativa, o pluriforme contexto da região amazônica. Para tal – destaca Papa Francisco – a Igreja é chamada a descobrir e valorizar sempre mais as expressões simbólicas e rituais presentes na Amazônia: “Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza que a adorna, a vida transbordante que enche seus rios e as suas florestas”.² Segundo Francisco, a mensagem cristã deve ser encanada naquela cultura favorecendo a construção de um rosto eclesial com traços amazônicos. No contexto deste movimento inculturador, a Exortação reserva um espaço de relevo para o sacramento da Eucaristia, entendido como lugar de especial união entre o criador e a criação.

Sem pretender esgotar a temática da encarnação da liturgia eclesial na cultura dos povos da Amazônia, o presente artigo terá como enfoque a relevância da liturgia no movimento de encarnação da mensagem evangélica no contexto amazônico e, por conseguinte, sua importância para a missão da Igreja. Para isto, primeiramente ele proporá a seguinte pergunta: “O que é um sacramento”? Tendo proposto essa indagação buscaremos explicitar o alcance e a importância dos sinais sacramentais – *lato sensu* – na construção e interpretação da existência humana em sua relação com o mundo e as realidades que o circundam. Em seguida, é do nosso interesse matizar a importância da inculturação da liturgia e da espiritualidade cristã na vida social e eclesial amazônica à luz dos vínculos que a Exortação estabelece entre os sacramentos

¹ LS 1.

² Querida Amazônia, 7.

e o cosmos criado. Na terceira e última parte do nosso artigo chamaremos à tona o sacramento da Eucaristia. Esse sacramento, segundo o nosso documento, pode ser considerado como ponto de partida e de chegada da inculturação da liturgia nas comunidades cristãs. Ele está em íntima relação com a teologia da criação. De fato, segundo o documento, através do sacramento da Eucaristia, podemos intuir que “no apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através de um pedaço de matéria. [...] [Ela] une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação (LS 236)”³

Illuminados pela transparência sacramental, somos convidados a descobrir que nos fragmentos esparzidos na criação – presentes e assumidos na celebração eucarística – a existência humana e cristã é capaz de se transfigurar e se transformar em instância de comprometimento consciente de empenho e de cuidado integral com a “casa comum”.

1. O que é um “sacramento”?

O que é um “sacramento”? Devemos nos fazer esta pergunta, uma vez que a noção que subjaz no âmago desse termo perpassa e acompanha as culturas humanas de todos os tempos, encontrando no âmbito da fé cristã uma das mais eloquentes expressões. Na esfera da cultura amazônica – foco do nosso interesse – a noção de “sacramento” e de suas manifestações celebrativas carrega em si um “valioso” potencial, uma vez que nelas “se unem o divino e o cósmico, a graça e a criação”.⁴

Essa pergunta deve ser feita tanto do ponto de vista da história das religiões como da teologia, uma vez que a humanidade está profundamente marcada pela experiência sacramental. Tal experiência é feita a partir daquilo que se pode denominar de “sacramentos primordiais”. Eles emergem da própria existência humana e deixam transparecer um reflexo tanto da essência do homem quanto de seu relacionamento com Deus e com o meio que o circunda. As realidades essenciais desse gênero sacramental são, sobretudo, o nascimento, o desenvolvimento da vida, as refeições, as relações humanas, a união sexual e a morte. No primeiro e último desses eventos o ser humano toma consciência da experiência dos seus limites humanos; no caso das refeições e da união sexual, por exemplo, ele celebra continuamente o dom de uma vida que não cessa de se renovar. Em virtude disso esses acontecimentos humanos

³ Querida Amazônia, 82.

⁴ Querida Amazônia, 81.

podem ser perfeitamente considerados como “sacramentais” e, por conseguinte, reclamam naturalmente por serem compartilhados, celebrados e ritualizados.⁵

O ser humano não se reduz a um mero agente passivo que se torna alvo e objeto das supramencionadas realidades. Ao contrário, estando profundamente envolvido no mundo que o circunda e numa história na qual está tecido; é um ser capaz de ler as mensagens que o seu meio envolvente não cessa de lhe enviar. De tal forma isso é fundamental e decisivo que podemos até mesmo afirmar que, para o gênero humano, “viver” poderia ser sinônimo de ler e interpretar. Com efeito, no efêmero, a criatura humana é capaz de descobrir o permanente; no temporal e histórico, o eterno; nas coisas criadas, Deus. “Então o efêmero se trans-figura em sinal da presença do Permanente; o tempo em símbolo da realidade do Eterno; o mundo em grande sacramento de Deus”.⁶

Diante disso, é do nosso interesse destacar e matizar com intensidade aquilo que poderíamos denominar de “sacramentalidade cósmica”. Para tal, à luz e na esteira da revelação bíblica, é necessário que se parta da ação de Deus na criação e da máxima expressão dessa mesma criação: o ser humano. Num dos relatos do livro do Gênesis, com efeito, encontramos o seguinte registro: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança [...]”. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,26-27). A pessoa humana, pelo simples fato de existir, de ser fruto de um gesto gratuito e amoroso, é “imagem”, “sacramento” e “sinal” visível do próprio Deus. Na qualidade de “*homo creatus*” – imagem do Criador – e portador de atributos divinos, o homem e a mulher são chamados a tornar Deus presente no mundo, de “representá-lo” e de prosseguir a obra da criação, uma vez que sobre eles foi depositada uma bênção de fecundidade e criatividade: “Deus os abençoou e lhe disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, a aves do céu e de todos os animais que rastejam sobre a terra’” (Gn 1,28).

A perspectiva bíblica que estamos delineando tem profundos pontos de contato com a noção de “sacramento” que foi construída ao longo da história das religiões e da humanidade como um todo. Nesse sentido, consideramos de particular importância trazer ao cenário da nossa reflexão um dos mais importantes estudiosos das religiões do século XX: M. Eliade. Ele se dedicou intensamente em traçar uma visão comparada das religiões, encontrando relações de semelhanças e parentesco entre as diferentes culturas, em seus diversos momentos históricos. Em seu parecer todas as culturas trazem em si

⁵ RATZINGER, J., Teologia della Liturgia, p. 225.

⁶ BOFF, L., Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos, p. 9.

uma potencialidade para o sagrado e a manifestam em diversas expressões rituais. Segundo M. Eliade, no centro da experiência humana e religiosa do ser humano, reside a noção e a experiência do sagrado, a qual se traduz concretamente numa mentalidade e práxis “sacramental”.⁷

De fato, M. Eliade reconhece que as coisas e os objetos que circunscrevem os atos humanos, precisamente pela potência sacramental que eles carregam em si, podem e devem se constituir numa “hierofania”, uma manifestação do sagrado: “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar de seu meio cósmico envolvente”.⁸ Após suas inúmeras pesquisas etnográficas, o nosso cientista chega à seguinte conclusão: “O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados”. É, segundo ele, uma tendência compreensível, “pois para os ‘primitivos’, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência”.⁹ E, em tom de lamento, declara o nosso autor: “O homem moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma existência profana”.¹⁰ Em suma, M. Eliade reconhece que para os povos das sociedades arcaicas todos os atos humanos tendem a tornar-se um “sacramento”, isto é, “uma comunhão com o sagrado”.¹¹

Do ponto de vista da teologia – e aqui temos em mente aquela maturada ao longo dos anos do movimento litúrgico da primeira metade do século XX, a do próprio Concílio Vaticano II e a que tem sido desenvolvida nos anos do pós-Concílio – a expressão “sacramento” é cada vez mais redescoberta e usada em seu sentido mais original, isto é, de acordo com a sua compreensão neotestamentária e patrística. Tanto na Sagrada Escritura como nos Padres da Igreja, o termo “sacramento” se aplica a Cristo e à Igreja e suas celebrações sacramentais. Num sentido mais amplo e difuso, ele se aplica também a todo homem, ao cristão, às realidades criadas. Isso é de grande importância pois nos educa a reconhecer e identificar a essência sacramental das diversas realidades criadas.

Curiosamente, o termo latino *sacramentum* – do qual deriva “sacramento” – é a tradução do termo grego *mysterion*, o qual, segundo a teologia paulina, diz respeito à grandeza e profundidade do projeto salvífico amoroso de Deus para com todas as criaturas. Dessa maneira, a noção

⁷ Isso pode ser constatado em sua obra “O sagrado e o profano. A essência das religiões”: ELIADE, M., O sagrado e o profano.

⁸ ELIADE, M., O sagrado e o profano, p. 18.

⁹ ELIADE, M., O sagrado e o profano, p. 18.

¹⁰ ELIADE, M., O sagrado e o profano, p. 19.

¹¹ ELIADE, M., O sagrado e o profano, p. 20.

sacramental contida em *mysterion* abrange e diz respeito à criação, à redenção e à consumação escatológica da história. Conforme assinalado, o nosso interesse consiste em destacar, de modo particular, o que estamos denominando de “sacramentalidade cósmica”.

O cosmos, sendo uma realidade proveniente de Deus, remete e exprime, por sua vez esse mesmo Deus, transformando-se em seu sinal, palavra e mensagem viva. “A realidade criada, em sua condição de palavra, tem uma função mediadora cuja origem e eficácia procedem do próprio Deus criador, e cuja finalidade é a recondução a Deus, como presença atuante e meta”.¹² Dessa maneira, toda a criação, na qualidade de “sacramento” do Criador, é essencialmente mensagem de Deus para a humanidade. Já o salmista reconhecia a beleza da palavra e da mensagem que não cessa de brotar do coração da criação quando escrevia em sua poesia: “Os céus contam a glória de Deus e o firmamento proclama a obra de suas mãos. O dia entrega a mensagem a outro dia, e a noite a faz conhecer a outra noite” (Sl 19(18),2-3). Em se tratando de uma palavra-mensagem que já traz um signo da palavra definitiva de Deus a ser pronunciada plena e definitivamente no *eschaton*, vale a pena lembrar a intuição do apóstolo Paulo após perscrutar o profundo clamor que se esconde no coração do criado. Segundo ele “a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus [...]. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o momento presente” (Rm 8,19.22).

No mistério da encarnação do Verbo, o ato criador divino é radicalizado em sua máxima potência; e é este o eloquente anúncio e testemunho da fé cristã. Com efeito, segundo a revelação neotestamentária, na encarnação do Verbo a criação não é apenas visitada por Deus, mas também assumida e recapitulada, recebendo, neste gesto, a revelação de seu sentido crístico. Nisto fica assinalado que a salvação oferecida em Cristo não se restringe apenas ao ser humano, mas alcança e fecunda integralmente toda a realidade criada. De fato, apesar de continuar atrelada ao destino humano – até certo ponto –, a criação recebe, na recapitulação em Cristo, um *status* próprio no coração da economia salvífica.

2. Inculturação da liturgia

“Inculturação da liturgia” é o título que encabeça os números 81-84 da Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia. É precisamente desse título que extraímos a proposta do item que agora desejamos considerar. “A inculturação da espiritualidade cristã nas culturas dos povos nativos encontra,

¹² BOROBIO, D., A Celebração da Igreja, p. 310.

nos sacramentos, um caminho particularmente valioso”,¹³ declara o Papa Francisco. Ao se pronunciar dessa forma, ele relaciona explicitamente três realidades que, por sua natureza, se encontram imbricadas: espiritualidade cristã, sacramentos e fenômeno da inculturação. Somente se pode interpretar em profundidade essa relação se essas três realidades forem consideradas de forma integrada segundo sua ordem genética e de valor.

Essa integração, outrossim, permeava a mais genuína tradição patrística. Nela, a celebração dos sacramentos cristãos – de modo particular a dos sacramentos da iniciação cristã – constitui o coração daquilo que o primeiro milênio da Igreja vai entender por “espiritualidade cristã”. “Espiritualidade cristã”, “espiritualidade litúrgico-sacramental” e “espiritualidade da Igreja” são expressões correlatas e coincidentes à luz da teologia e catequese dos Padres da Igreja. Segundo eles, essas realidades se identificam e se relacionam a tal ponto de uma não poder ser entendida sem as outras. Além do mais, para eles, era impensável uma espiritualidade eclesial que não fosse visceralmente inculturada. Disso nos dá um eloquente testemunho a riqueza de expressões litúrgico-sacramentais dos primeiros séculos da Igreja. Papa Francisco, portanto, ao recordar que “a inculturação da espiritualidade cristã nas culturas dos povos nativos encontra, nos sacramentos, um caminho particularmente valioso”, não faz outra coisa senão reproduzir, de forma vivaz e atualizada, a perene tradição dos santos Padres e de uma tradição que norteava e dava respiro e vida à espiritualidade batismal do primeiro milênio da fé cristã.

“A inculturação da espiritualidade cristã nas culturas dos povos nativos encontra, nos sacramentos, um caminho particularmente valioso”. Essa afirmação se encontra incrustada e emoldurada num capítulo do documento cujo timbre é essencialmente eclesial – “Um sonho eclesial” é o título do IV capítulo da Exortação. De fato, já na abertura desse mesmo capítulo, Papa Francisco se faz porta-voz da preocupação da Igreja, a qual deseja caminhar lado a lado com os povos da Amazônia. Essa preocupação – lembra a Exortação – se explicitou em momentos privilegiados da Igreja latino-americana, de modo particular, na importância que tiveram as Conferências Episcopais de Medelín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida no âmbito amazônico. “O caminho continua e o trabalho missionário, se quiser desenvolver uma Igreja com rosto amazônico, precisa crescer com uma cultura de encontro rumo a uma harmonia pluriforme”.¹⁴ É a partir dessa perspectiva que desejamos sublinhar a

¹³ Querida Amazônia, 81.

¹⁴ Querida Amazônia, 61.

importância do tema da inculturação da liturgia e, conseqüentemente, da celebração dos sacramentos.

Faz-se necessário, logo de início, considerar o termo “inculturação”. Ele foi usado, de modo bastante criativo e em forma de “neologismo” na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*. Nela, João Paulo II afirma que a catequese e a evangelização têm por finalidade fazer com que a potência do Evangelho chegue ao coração de cada homem e mulher. Para tal, torna-se necessário levar em consideração o contexto cultural em que se encontram inseridos. Em outros termos, o autêntico processo catequético-evangelizador deve ser, necessariamente, inculturado, encarnado.¹⁵ Aquilo que se diz da catequese e da evangelização, com toda a propriedade, se deve dizer mais ainda da liturgia, razão de ser e ponto de chegada tanto do querigma como da catequese: este é o modo de pensar do Concílio Vaticano II.¹⁶

Dessa forma, reforça a *Catechesi Tradendae*, a catequese tem o dever de procurar conhecer a importância e a riqueza dos elementos que tecem e formam as culturas às quais se dirigem o Evangelho da salvação. Segundo essa concepção, os componentes essenciais e as expressões mais significativas das culturas devem ser sempre abraçados e respeitados pela Igreja e por seus missionários.¹⁷ A partir dessa sugestiva intervenção de João Paulo II, o termo “inculturação”, em sua compreensão e aplicação, passa a ter um lugar sempre mais relevante e de destaque nos documentos e discursos magisteriais, em particular naqueles dedicados à missão da Igreja no mundo atual, à evangelização dos povos e ao diálogo ecumênico e inter-religioso. Essa consciência, vem confirmar um dado histórico. Com efeito, a Igreja, desde as suas origens – e, principalmente, a partir da marcante passagem que faz do mundo judaico para o mundo helenístico – experimenta a diversidade das culturas com as quais, inevitavelmente, passa a entrar em contato.¹⁸

¹⁵ CT 53. Para um estudo mais completo e abrangente do tema da inculturação sugerimos: MIRANDA, M. F., *Inculturação da fé*, p. 24-34.

¹⁶ A esse respeito vale a pena conferir aquilo que está dito na Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*. Nela, temos que a obra pascal de Cristo continua na Igreja e se coroa na liturgia em virtude do Espírito Santo. Lembra-nos o documento conciliar que Cristo, assim fora enviado por seu Pai, assim também enviou ao mundo os seus apóstolos a fim de realizarem uma tríplice missão: pregar o Evangelho a toda criatura, anunciar a todos os homens e mulheres que o Filho de Deus, em virtude de sua páscoa, os havia libertado do poder da morte e – sublinha o documento –, mais ainda e sobretudo, para levar a efeito aquilo que anunciavam: a obra da salvação atualizada através da celebração dos sacramentos, em torno dos quais “gira toda a vida litúrgica” (SC 6).

¹⁷ MORAES, A. O.; CALANDRO, E. A., *A Iniciação à Vida Cristã a partir de Aparecida*, p. 1-21.

¹⁸ Isso é muito bem expresso pelo Pontifício Conselho da Cultura. Mostrando um tom pastoral, este Pontifício Conselho sublinha que o processo de encontro e confronto entre o anúncio do Evangelho e o respeito pelas culturas às quais ele é destinado é uma “experiência que a Igreja vive desde o início

Ao longo do século XX, o fenômeno da emergência e complexidade do pluralismo religioso e cultural foi se impondo como uma realidade que, necessariamente, devia ser admitida e abraçada pela Igreja. O Concílio Vaticano II, de forma exemplar, soube ler os sinais dos tempos e assumiu com todo o vigor possível o desafio de uma fé inculturada. Um dos testemunhos mais eloquentes disso nos vem daquilo que está expresso na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Temos aí registrado que o mistério da fé cristã deseja vivamente oferecer aos batizados energia renovada a fim de que descubram, sempre de novo, a tarefa que lhes cabe desempenhar nas variadas esferas das atividades sociais e das relações humanas, âmbitos nos quais a cultura exerce a sua vocação de autêntica humanização.¹⁹

Neste sentido, a inculturação da fé revela-se um desafio eclesial dinâmico que busca apresentar a autorevelação salvífica de Deus através de uma linguagem capaz de alcançar os homens e as mulheres no mais profundo de seus corações e a partir de sua própria realidade cultural, existencial e social. Para isto, o diálogo com a cultura torna-se imprescindível, já que só é possível ao ser humano acolher e viver a Palavra de Deus quando esta encontra-se inculturada. “Toda revelação é revelação inculturada, toda fé jamais é pura fé, mas uma fé entendida e vivida no interior de um contexto sociocultural concreto”.²⁰

A preocupação conciliar, no concernente à urgente tarefa de se propor ao homem de nossos dias uma fé inculturada, se entende também, sobremaneira, à esfera da celebração da própria fé, o que se realiza, concretamente, por meio da vida litúrgica da Igreja. A esse respeito, a Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* declara que a Igreja “não pretende a uniformidade litúrgica” na expressão do único mistério da fé. Pelo contrário, ela deseja cultivar e preservar os autênticos valores e conquistas culturais das diversas raças e povos.²¹ Isso significa que as tradições e os costumes, os ritos, as heranças e a diversidade cultural dos vários povos devem ser não só respeitados, mas também valorizados e integrados em sua expressão de fé, após esses povos terem acolhido o anúncio do Evangelho. Mais adiante, a *Sacrosanctum Concilium* esclarece que cabe às autoridades eclesiásticas territoriais e à Sé Apostólica discernir e julgar aquilo

da pregação do Evangelho”. De fato, a Boa Nova de Jesus se dirige a todas as pessoas e as alcança no profundo de sua própria cultura, a qual, por sua vez, deve permanecer aberta a fim de ser transfigurada pelo Evangelho. PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA CULTURA, Per una pastorale della cultura.

¹⁹ GS 57.

²⁰ MIRANDA, M. F., Igreja e Sociedade, p. 15.

²¹ SC 37.

que, nas várias experiências culturais, estejam de acordo com as normas do autêntico espírito e da natureza da liturgia.²²

Na verdade, o processo de inculturação promovido pelo Concílio Vaticano II é uma pedagogia que se inspira e fundamenta no mistério da encarnação de Cristo, o qual se prolonga sacramentalmente na vida da Igreja. De fato, o fenômeno da inculturação sempre se fez necessário e esteve presente na celebração e no testemunho da comunidade dos batizados.²³ Ele pode ser verificado também nas formulações litúrgicas e teológicas da Igreja em todos as épocas. Na celebração litúrgica dos sacramentos, no entanto, esse fenômeno encontra o seu *habitat* expressivo mais natural. Uma das provas mais convincentes disso é o leque riquíssimo das diversas expressões celebrativas do único mesmo mistério de Cristo, fato tão bem conhecido pelos primeiros séculos da Igreja e que denominamos comumente de “famílias litúrgicas”.

A valorização da relação “inculturação e liturgia” – parece-nos evidente – adquire particular proeminência e significativo peso na Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia. Na seção do documento que estamos realçando – os números de 81 a 84 – tal fato pode ser comprovado. Nesse setor, a relação “inculturação e liturgia” ganha expressividade quando é abordada pelo documento – ainda que em forma bastante genérica – no âmbito da celebração do setenário sacramental, subentendido no contexto. “Os sacramentos mostram e comunicam o Deus próximo que vem, com misericórdia, curar e fortalecer os seus filhos”.²⁴ Somos postos, nesta altura, diante de uma rica síntese teológica dos sacramentos. Em sua dimensão mais profunda, de fato, os sacramentos são radicalmente a celebração memorial de um Deus próximo que não cessa de vir ao encontro dos homens a fim de salvá-los; também, por meio deles, o projeto de Deus é salvar e transfigurar toda a criação. Por isso, lembra-nos o Catecismo da Igreja Católica, a Igreja não pode não celebrar nos sacramentos “o mistério do seu Senhor ‘até que ele venha’ e até que ‘Deus seja tudo em todos’ (1Cor 11,26; 15,28)”.²⁵

“A inculturação da espiritualidade cristã” na cultura dos povos amazônicos “encontra, nos sacramentos, um caminho particularmente valioso,

²² SC 40.

²³ A Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia recorda a proposta conciliar acerca da inculturação da liturgia: “O Concílio Vaticano II solicitou esse esforço de inculturação da liturgia nos povos indígenas (SC 37-40; 65; 77; 81), mas passaram-se já mais de cinquenta anos e pouco avançamos nessa linha. No Sínodo, surgiu a proposta de se elaborar um “rito amazônico” (Querida Amazônia, 82).

²⁴ Querida Amazônia, 84.

²⁵ CEC 1130. A respeito da importância da economia da salvação relida em chave sacramental e em lugar de encontro do homem com Deus por meio de Cristo, conferir: SCHILLEBEECKX, E., Cristo, Sacramento de Encontro com Deus, p. 13-19.

porque neles se unem o divino e o cósmico, a graça e a criação”.²⁶ Nessa altura da nossa incursão nos deparamos com uma forte justificativa expressa num “porque”: “porque neles [nos sacramentos] se unem o divino e o cósmico, a graça e a criação”. Trata-se, na verdade, da explicitação de uma tese fundamental do princípio bíblico e teológico da realidade sacramental, que é também o princípio basilar da própria revelação de Deus, e que conhece a sua máxima expressão no mistério da encarnação do Verbo eterno. Segundo a economia da salvação, Deus se comunica ao homem através de sinais-sacramentos, isto é, por meio das realidades criadas. À luz desse princípio, o divino se une ao cósmico; a graça à criação.

Na continuação desse mesmo parágrafo do documento, o acento recai mais incisivamente sobre a Amazônia, sua cultura e seu ambiente – lugares privilegiados para que os sacramentos sejam compreendidos e celebrados de forma integrada. A razão disso é que o dom da salvação, gratuitamente concedido por Deus, pode, a nível sacramental, ali encontrar, de forma privilegiada, a resposta de homens e mulheres tão entranhadamente unidos à natureza e à criação. Por isso, justifica Francisco, “na Amazônia, os sacramentos não deveriam ser vistos como separação da criação, pois constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural”. Eles, com efeito – continua o Papa – “são uma plenificação da criação, na qual a natureza é elevada para ser lugar e instrumento da graça, para abraçar o mundo em um plano diferente”.²⁷

Conforme anteriormente assinalado, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal trata da relação “inculturação e liturgia” tendo como principal foco os sete sacramentos, ainda que de forma subentendida e genérica. O sacramento da Eucaristia, no entanto, recebe um lugar de destaque no documento. Tudo indica que o interesse da abordagem desse sacramento se vincula diretamente à tese principal da Exortação: a Eucaristia “une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação”; ela é “fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a sermos guardiões da criação inteira”. É precisamente nessa perspectiva que este sacramento será abordado no próximo item.

3. A Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia e a Eucaristia

No âmago do processo inculturador – dialogal, por sua própria natureza – emerge uma modalidade da fé cristã que deve descobrir criativamente, através

²⁶ Querida Amazônia, 81.

²⁷ Querida Amazônia, 81.

dos encontros culturais e sociais que a interpelam, a sua intrínseca vocação para a pluralidade, tanto de expressões e manifestações quanto de interpretações e vivências. Isso nada depõe contra a unidade da fé eclesial; ao contrário, enriquece-a. Tal pluralidade criativa é constitutiva da identidade cristã e lhe confere diferentes nuances, possibilitando que o encontro estabelecido com as mais diversas realidades humanas seja feita de maneira profícua e fecunda. Da mesma forma, essa pluralidade também possibilita que a variedade de identidades – culturais, sociais, de gênero, etc – sejam respeitadas, de tal modo que a fé cristã possa ser anunciada e vivida por qualquer pessoa, em todos os lugares.

Sem dúvida, trata-se de um enorme desafio. O movimento inculturador da fé, por sua própria dinâmica, exige ousadia para abandonar as zonas de conforto, tanto eclesiais quanto teológico-litúrgicas, que, muitas vezes, acabam por gerar na Igreja uma exagerada timidez para realizar as mudanças necessárias. Se por um lado, este movimento exige da comunidade eclesial um denso discernimento crítico para assumir com coragem novos contextos, fórmulas, símbolos e ritos que expressem de maneira criativa e real a riqueza evangélica presente nos diversos ambientes humanos. Por outro lado, é também exigido da comunidade eclesial um profundo ânimo profético para denunciar as situações que, nas expressões e vivências socioculturais, não correspondam aos valores do Evangelho.

Ciente da emaranhada trama da realidade amazônica, a Exortação Apostólica Querida Amazônia expõe a preocupação de que a inculturação da liturgia cristã consiga abarcar a urgente tarefa de encarnar a mensagem evangélica nas culturas dos povos indígenas. Diante disto, ela assinala a obrigação de que o processo inculturador da espiritualidade cristã permaneça comprometido com a missão de anunciar através dos sacramentos, sobretudo, na Eucaristia, o entrelaçamento das dimensões cósmica, festiva e social presentes na liturgia.

À luz da Exortação, a dimensão cósmica da liturgia cristã emerge no fato de que, através dos signos sacramentais, o próprio mundo é assumido por Deus e transformado, em “lugar e instrumento da graça”.²⁸ Tal dimensão adquire singular relevo na celebração eucarística, onde a partilha do pão e do vinho também expressam a ação de graças pelo dom da criação e são assumidos no Cristo ressuscitado, transformando-se em alimento que compromete o cristão na guarda consciente do universo criado.²⁹ Por sua vez, a dimensão festiva da liturgia é abordada pelo documento quando este trata da necessidade premente do descanso contemplativo. Desse modo, fica ressaltado o valor do descanso humano, que encontra na celebração eucarística o espaço de contemplação

²⁸ Querida Amazônia, 81.

²⁹ Querida Amazônia, 82.

consciente dos dons divinos presentes no cosmos e vai além das armadilhas da aceleração imposta pelo ativismo estéril e pela ânsia descontrolada por produção e consumo. Já a dimensão social é assinalada na preocupação latente de que os sacramentos cheguem a todos, principalmente aos mais pobres.³⁰ Tal cuidado nasce da presença eucarística de Cristo, que fundamenta a comunhão entre todos e expressa o compromisso cristão pela solidariedade concreta que visibiliza o rosto misericordioso de Deus.

Papa Francisco destaca ainda que o ambiente litúrgico é o lugar privilegiado para a recepção dos elementos nativos das culturas amazônicas e estimula a utilização de expressões autóctones na vida litúrgica da comunidade. De fato, Francisco reconhece que, apesar do impulso dado pelo Concílio Vaticano II, ocorreram poucos avanços no processo de inculturação da liturgia eclesial junto aos povos indígenas.³¹

Ao falar do sacramento da Eucaristia, a Exortação ressalta que ela “faz a Igreja”,³² e, portanto, é o sacramento da unidade eclesial.³³ Há, nesta afirmação, uma inter-relação fundamental entre Igreja e Eucaristia, onde, na celebração eucarística, a comunidade é inserida, por Deus, no mistério pascal, convertendo-se, assim, em sacramento da presença de Cristo no mundo.³⁴ Neste sentido, para o teólogo F. Taborda, a finalidade da Eucaristia não consiste apenas em transformar o pão e o vinho no corpo e no sangue de Cristo, mas “transformar-nos a nós no corpo eclesial de Cristo através da comunhão no corpo sacramental”.³⁵ Desse modo, diante da centralidade do sacramento da Eucaristia para a edificação da comunidade, a Exortação assinala o urgente imperativo que consiste na busca incessante por formas de combater sua ausência em inúmeras comunidades cristãs espalhadas pela Amazônia.³⁶

Além do evidente aspecto eclesial ressaltado, o documento também aponta para a íntima relação entre a Eucaristia e a teologia da criação, com a conseqüente dimensão socioambiental que emerge quando tal relação é assumida conscientemente pela Igreja: “Por isso a Eucaristia pode ser ‘fonte de luz e motivação para as nossas preocupações com o meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira’”.³⁷ A participação na Eucaristia revela-nos,

³⁰ Querida Amazônia, 84.

³¹ Querida Amazônia, 82

³² Querida Amazônia, 89.

³³ Querida Amazônia, 91.

³⁴ TABORDA, F., Eucaristia e Igreja, p. 50

³⁵ TABORDA, F., Uma Eucaristia viva para uma Igreja viva, p. 110.

³⁶ Querida Amazônia, 89

³⁷ Querida Amazônia, 82.

a partir de um fragmento da criação, que somos convidados a redescobrir o quanto Deus deseja nos alcançar. Ela nos conduz de volta ao “centro vital do universo”,³⁸ ao ponto de apoio que transborda de amor e vida inesgotável do Filho encarnado, presente sob as aparências de pão e vinho, fruto da videira terrestre e obra da terra e dos homens.³⁹

A Eucaristia não se restringe apenas ao âmbito da delimitação de uma identidade eclesial, mas, a partir de sua transparência sacramental, desemboca num ato de ação de graças que nasce do coração humano transbordante de gratidão diante da vida, nas suas mais variadas manifestações, e que saboreia o próprio existir como dom recebido das mãos de Deus. Desta forma, o sacramento eucarístico adquire singular relevância para o diálogo com as culturas amazônicas e seu contexto socioambiental, trazendo à tona a consciência de que nele são assumidos os elementos do mundo “dando a cada um o sentido do dom pascal”.⁴⁰

Neste sentido pascal aludido pela Exortação Apostólica Querida Amazônia está presente o específico da fé cristã, que assume a criação como uma *realidade qualificada*⁴¹ pela própria atuação de Deus. A percepção desta qualificação é possível graças à vontade salvífica já presente no ato criador e que permanece atuante no desenrolar da história humana, atribuindo densidade semântica ao universo criado. Segundo a revelação bíblica, o cosmos nasce da vontade criadora e gratuita de Deus, de onde haure seu fundamento e, através da encarnação do Verbo, tem desvelado seu sentido *crístico*.⁴² Desta forma, passa a ser entendido como uma realidade dirigida para a transcendência e direcionada para a plenitude salvífica mediante o dinamismo interno conduzido pelo Espírito Santo. Assim, dotada de sentido e, desde seu princípio, guiada por uma atuação que lhe é externa, a criação, à luz da fé, rejeita concepções interpretativas que atribuam seu surgimento e desenvolvimento a um acontecimento aleatório movido por um acaso desprovido de significado teológico.

A fé cristã declara de forma desconcertante que através de um pequeno pedaço de matéria eucaristizado toda a criação é assumida por Deus, não para ser aniquilada – como podem sugerir algumas compreensões de cunho gnosticizantes e dualistas –, mas, devido a ação salvífica divina presente no cosmos, para ser celebrada, plenificada e exaltada. Assim, na Eucaristia, “a salvação se impõe à criação sem destruir, sem despojar, sem alterar: ela

³⁸ LS 236.

³⁹ LS 236.

⁴⁰ Querida Amazônia, 74.

⁴¹ MIRANDA, M. F., A reforma de Francisco, p. 95.

⁴² MIRANDA, M. F., A reforma de Francisco, p. 97.

enriquece”.⁴³ De tal forma que o sentido do universo repousa, portanto, no dom ofertado pela ação criadora de Deus e, a partir dela, apresenta para o ser humano sua sacramentalidade primordial.

Na liturgia eucarística, a comunidade assume e celebra, na partilha do pão e do vinho, o amor cósmico solidário, no qual os seres humanos, ao lado do Filho de Deus encarnado e de toda a criação, agradecem a Deus pela nova vida no Cristo ressuscitado.⁴⁴ Isto implica considerar que a Eucaristia não é apenas uma refeição que se toma coletivamente. Ela é celebração da presença de Cristo que constitui e realiza a comunidade na força do Espírito Santo. Trata-se, portanto, de uma comunidade festiva de peregrinos que, impulsionada pela proclamação da Palavra e alimentada pelo sacramento eucarístico, deve resplandecer o rosto de Cristo no mundo.

O sacramento da Eucaristia emerge, portanto, como fonte e fundamento que confere sentido à preocupação da comunidade eclesial com a preservação da natureza e, conseqüentemente, com a transformação social que a interpela. Na medida em que a Igreja dá ação de graças pelos dons ofertados, recebe da Eucaristia, assim como todo aquele que dela se aproxima, o compromisso concreto diante da realidade que lhe cerca. O alimento eucarístico fortalece o agir profético da comunidade e de cada fiel individualmente, lembrando-os, continuamente, em cada celebração, da entrega realizada por Jesus (*memoria passionis*) e inserindo-os na dinâmica própria de sua vida e das opções assumidas por ele diante da sociedade de seu tempo.

Isto significa que a Eucaristia não é apenas um alento suave para o coração, mas, por seu contexto anamnético, transforma-se em questionamento ético que impulsiona o agir cristão para uma existência eucarística que brota da própria ação de graças. Por celebrar e presentificar sacramentalmente o amor cósmico sobre o altar do mundo, a participação na Eucaristia é o espaço litúrgico onde são estabelecidas novas formas de relações humanas pautadas no amor mútuo e na partilha solidária.

Portanto, a liturgia eucarística não permite que a comunidade permaneça conscientemente neutra diante das injustiças socioambientais impetradas pelos mais diversos interesses políticos e econômicos, sobretudo quando tais interesses vilipendiam em diversas esferas a vida e a dignidade dos mais vulneráveis de nossa sociedade. “Numa sociedade na qual domina o mais forte, a Eucaristia é uma verdadeira ameaça para o mundo”.⁴⁵ Sem dúvida, atualmente existe a compreensão de que há uma íntima relação entre a crise ambiental e a

⁴³ DURRWELL, F. X., A eucaristia, presença do Cristo, p. 62.

⁴⁴ LS 236.

⁴⁵ BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p. 95.

desigualdade social.⁴⁶ Tal consciência implica a necessidade de que os cristãos assumam uma maneira de viver que visibilize o sentido eucarístico de sua existência através da denúncia profética e do combate às situações que não correspondam aos valores do Evangelho.

Se somos o Corpo de Cristo, somos hoje seus olhos para que, através de nós, ele veja a necessidade dos pobres, pequeninos, marginalizados, somos seus pés para que ele vá, por nosso meio, ao encontro dos necessitados, somos seus ouvidos para ouvir o clamor do povo, seu coração para sentir “com as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje. E assim por diante”.⁴⁷

Não é por acaso que o sangue de muitos homens e mulheres, anônimos ou não, permanece sendo vertido, pulverizando as terras amazônicas na luta pelo bem de seus habitantes e do território, misturando-se com o sangue de Cristo, derramado por todos e por toda a criação, e expressando, radicalmente, o sentido mais profundo de uma existência eucarística.

Por fim, a Exortação Apostólica Querida Amazônia nos mostra que, mesmo diante das questões e provocações urgentes que emergem da realidade amazônica e que clamam por uma resposta, o Papa Francisco ousou sonhar. E hoje, diante das mais variadas violências cometidas contra a Amazônia e seus povos, indubitavelmente, sonhar é um gesto de coragem que transparece a fé inabalável de que a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, é capaz de corresponder aos desafios amazônicos que a interpelam. Tais sonhos encontram na Eucaristia seu fundamento sacramental por excelência. Porque será apenas mediante a ação de graças e a partilha dos dons da criação entre todos, celebrada na experiência comunitária que transborda numa existência eucarística, que será possível redescobrir a força e a potência que brota no coração daqueles que, alimentados pela presença de Cristo, encontram o sentido do viver na luta pela paz, pela justiça e pela preservação da nossa casa comum.

Conclusão

O homem é um ser *capax Dei*, por isso não poderá jamais ser reduzido, simplesmente, a um *homo faber*. Na sua inerente vocação de busca de Deus e de humanização, ele não poderá jamais perder de vista a sua perspectiva do sentido da vida e a sua vocação de interpretar a existência humana à luz da

⁴⁶ LS 48.

⁴⁷ TABORDA, F., Uma Eucaristia viva para uma Igreja viva, p. 111.

presença de Deus na criação. Para tal, se faz necessário que o homem ative continuamente em si mesmo a sua capacidade simbólico-sacramental, a qual lhe capacitará a entrever o eterno no tempo, na história, em suas múltiplas relações e nas realidades criadas. O homem foi chamado por Deus a se construir e só poderá se tornar verdadeiramente homem caso se mantenha aberto ao dinamismo de transparência, base do princípio sacramental.

O apóstolo Paulo, dirigindo aos cristãos de Tessalônica, parece estar tomado de um estupor simbólico-sacramental em relação à inteira criação e à vocação última do homem quando exorta: “Por tudo dai graças” (1Ts 5,18a). Essa eloquente exortação ganha intensidade quando recorremos à expressão original de Paulo: “*en panti eucharisteite*”. Aqui podemos descobrir um segredo. O apóstolo, profundamente imbuído da sensibilidade sacramental gerada pela oração de louvor, quer testemunhar que não existe realidade humana que não possa ser transfigurada por uma atitude “eucarística”. Em outros termos, todas as realidades têm em si mesmas um potencial de serem “eucaristizadas” através da ação de graças – e aqui Paulo se torna um devedor da *berakah*, oração por excelência de ação de graças na experiência judaica. Com efeito, por meio da *berakah*, o mundo se torna “sacramento e dom: sinal da benevolência divina e dom concreto para o homem”.⁴⁸

Da teologia da divinização dos Padres gregos a Teilhard de Chardin podemos falar de um processo gradativo de uma percepção sacramental-transfigurativa do homem e do cosmos.⁴⁹ O metropolitano ortodoxo de Pérgamo Ioannis Zizioulas, convicto da vocação última do homem e do cosmos afirma: “A Eucaristia é o mais dramático testemunho do encontro entre história e escatologia, entre a relatividade e a realização na existência humana aqui e agora”.⁵⁰ De forma impressionante, esse autor afirma que as transformações essenciais na história não são fruto dos meros projetos humanos, mas são “expressão de uma descida vertical do Espírito Santo: mediante a sua epíclise [...] o ‘mundo presente’ em Cristo é transfigurado em nova criação”.⁵¹

⁴⁸ SANTE, C., Liturgia judaica, p. 47. Nessa mesma obra, à página 29, C. di Sante mostra a influência e a importância da *berakah* nas epístolas de São Paulo.

⁴⁹ Bento XVI elogiou um aspecto da visão sacramental-transfigurativa de Teilhard de Chardin dizendo: “o papel do sacerdócio é consagrar o mundo para que se torne um hospedeiro vivo, uma liturgia: para que a liturgia não seja algo paralelo à realidade do mundo, mas o próprio mundo torne-se um hospedeiro vivo, uma liturgia” (O’CONNELL, G. Papa Francisco vai retirar a “advertência” dos escritos de Teilhard de Chardin?).

⁵⁰ ZIZIOULAS, I., A criação como eucaristia, p. 94. Queremos aqui evocar, nesse sentido, a riqueza da proposta de Papa Francisco na LS 202-246.

⁵¹ ZIZIOULAS, I., A criação como eucaristia, p. 94.

A transfiguração do mundo presente encontra em cada celebração eucarística a sua máxima expressão sacramental. Na Eucaristia, o Cristo ressuscitado assume e transfigura os dons ofertados no pão e no vinho; ao mesmo tempo que transforma a Igreja que celebra esse sacramento em seu corpo. Em tudo se revela a dinâmica crística presente no universo criado. Desta forma, na celebração eucarística, a comunidade cristã expressa conscientemente a fé que acolhe, ao mesmo tempo que anuncia a presença e a atuação de Deus no meio de seu povo e no âmago da criação. Nas palavras de L. Boff, “por um lado é o homem que pelo e no sacramento se expressa a Deus, venera-o, glorifica-o e suplica-lhe vida e perdão; por outro é Deus que pelo e no sacramento se expressa ao homem dando-lhe carinho, vida e perdão”.⁵²

O dinamismo eucarístico transborda invariavelmente num compromisso ético. Não é possível que alguém celebre o sacramento da Eucaristia sem tomar consciência da comunhão existencial que existe entre todos e com todos os seres. Em virtude disso, a Eucaristia é capaz de tornar-se o princípio da partilha, a qual desmascara os egoísmos internos e externos que ainda dominam nossa percepção social e eclesial. A eucaristia carrega em si e deflagra a dinâmica criativa que integra sacramentalmente Deus, o homem e o cosmos. Em razão disso, esse sacramento se apresenta como um dom que impulsiona os membros do Corpo de Cristo na construção de uma sociedade amazônica cada vez mais justa e mais fraterna.

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

BOFF, L. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOSELLI, G. **O sentido espiritual da Liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

BOROBIO, D. **A celebração da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1990. v.I.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas / Loyola, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium***. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1985.

⁵² BOFF, L., Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos, p. 77.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. Petrópolis: Vozes, 1982.

DURRWELL, F. X. **A eucaristia, presença do Cristo**. São Paulo: Paulinas, 1976.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia**, São Paulo: Paulinas, 2020.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae***. São Paulo: Paulinas, 1979.

MIRANDA, M. F. **A reforma de Francisco: fundamentos teológicos**. São Paulo: Paulinas, 2017.

MIRANDA, M. F. **Igreja e Sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2009.

MIRANDA, M. F. **Inculturação da fé**. Uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001.

MORAES, A. O.; CALANDRO, E. A. A Iniciação à Vida Cristã a partir de Aparecida: perspectivas catequéticas após o primeiro decênio da Conferência. **Pesquisas em Teologia**, v. 1, n. 1, p. 1-21, jan./jun. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/749/498>>. Acesso em: 15 jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2018v1n1p01>

O'CONNELL, G. Papa Francisco vai retirar a “advertência” dos escritos de Teilhard de Chardin? **Revista IHU**, Rio Grande do Sul, 24 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574010-papa-francisco-vai-retirar-a-advertencia-dos-escritos-de-teilhard-de-chardin>>. Acesso em: 1 abr. 2020.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA CULTURA. **Per una pastorale della cultura**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_pc-cultr_doc_03061999_pastoral_it.html.n.1>. Acesso em: 1 abr. 2020.

RATZINGER, J. **Teologia della Liturgia**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. (*Opera Omnia*, XI).

SANTE, C. **Liturgia judaica**. Fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHILLEBEECKX, E. **Cristo, sacramento de encontro com Deus**. Vozes: Petrópolis, 1968.

TABORDA, F. Eucaristia e Igreja. **Perspectiva Teológica**, v. 17, n. 41, p. 29-62, jan./abr. 1985. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1935/2238>>. Acesso em: Acesso em: 2 abr. 2020.

TABORDA, F. Uma Eucaristia viva para uma Igreja viva: reflexões em torno a um discurso do Papa Francisco. **Atualidade Teológica**, v. 22, n. 58, p. 91-119, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32831/32831.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: Acesso em: 2 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.32831>

ZIZIOULAS, I. **A criação como eucaristia**. Proposta teológica ao problema da ecologia. São Paulo: Mundo e Missão; Santa Catarina: Itesc, 2001.

Luiz Fernando Ribeiro Santana

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Docente do Departamento de Teologia da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: l.fernando2250@gmail.com

Sérgio Albuquerque Damião

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: salbdam@gmail.com

Recebido em: 15/05/20

Aprovado em: 15/06/20